

Crítica // Branca de Neve ★★★

WALT DISNEY

Branca de neve:
atualizadoCLÁSSICO
REVISITADO

Nova versão para live action do desenho de 1937 faz atualização inventiva com destaque para a performance de Rachel Zegler

Ricardo Daehn

O medo não se constatou: todos apostavam em desastrosa adaptação para a live action do clássico desenho de 1937 *Branca de Neve e os sete anões*. No desvio das más perspectivas, o diretor Marc Webb — responsável pela franquia de *O espetacular Homem-Aranha*, com Andrew Garfield — presta bom serviço à atualização, com direito à inspirada performance da atriz de *Amor, sublime amor*, Rachel Zegler,

bastante convincente como a princesa convocada a “acordar para o mundo real”. Num pingente que ela carrega como um amuleto estão grafadas suas qualidades: justiça, coragem, autenticidade e gentileza.

Em parte, o musical deve bastante ao roteiro de Erin Cressida Wilson, que adapta com maturidade o argumento extraído da literatura dos irmãos Grimm. Cressida trabalhou com diretores como Atom Egoyan e Jason Reitman, além de ser autora do roteiro de *A garota no trem*, com Emily Blunt. Uma tragédia ronda a protagonista de “beleza incomparável” e que traz latente uma semente de liderar e ser destemida. Com a capacidade de individualizar cada habitante de seu povo, *Branca de Neve* responde, pouco a pouco, por esperança.

Apegada aos diamantes, que “perpetuam a perfeição”, a Rainha Má rende um bom papel para Gal Gadot, dona de toda a superficialidade possível, frente ao espelho mágico com o qual contracenava. Diretor reconhecido por (500) dias com ela, enxertado por muitas melodias, Webb calibra bem o aspecto musical, com Jeff Morrow (de *Trolls* e *A pequena sereia*), Justin Paul (da música de *La la land*) e Benj Pasek (de *La la land* e *Alladin*). Ao lado do, a princípio, chamado “amigo especial”, príncipe Jonathan (Andrew Burnap), *Branca de Neve* terá a terá impressão de que “o tempo desacelera”, e, ao espectador, impressiona a qualidade ágil na montagem do filme.

Ainda que, em dado momento, *Branca de Neve*

seja desautorizada a vivenciar o mundo das supostas “fantasias” de um mundo idealizado, é justo esta crença que trará sua salvação. Enquanto o filme sabe explorar a riqueza do vermelho, verde, amarelo e azul, as cores dispostas na mina explorada pela região, a prévia disposição de poucos espectadores com o resultado dos grupos de anões do conto do Grimm cai por terra. O filme fixa o cantarolar de Feliz, Dunga, Mestre, Soneca, Atchim, Zangado e Dengoso, todos criados em imagens de computador. É marcante a presença sonora na cena em torno da produtividade, na qual são convidados a “assobiarem, enquanto trabalhar”. Contagiantemente ainda é a voz de Rachel Zegler, capaz de se redimir do trabalho ao lado de Spielberg em *West side story*.